

Regional

BUSCA POR PEDRAS PRECIOSAS

Deslizamento atrai garimpeiros

FOTOS: NILO TARDIN

Famoso pela pureza de suas águas-marinhas, Pancas voltou a atrair caçadores de riquezas após avalanche de rochas

Nilo Tardin
PANCAS

Uma avalanche de rochas apavorou moradores do distrito de Lajinha, no coração dos Pontões Capixabas, mas também atraiu garimpeiros, geólogos e peritos em pedras preciosas a Pancas, no Noroeste do Estado.

O flagrante de desabamentos, equivalente a um campo de futebol, no topo da Pedra do Terreirão rodou o mundo em abril deste ano, através de um vídeo de celular. Foi o suficiente para provocar uma verdadeira corrida ao Córrego da Bela Aurora, em Pancas, município de 23,4 mil habitantes, famoso pela pureza das gemas de águas-marinhas.

Na busca de riquezas, o garimpeiro José Aduato Alecrim, 51, se arriscou a escalar os 174 metros da montanha e remexer a terra após o paredão despencar. “O mistério está lá em cima. Há poços de água pura. Cascalhos e cristais brotam da rocha”, contou.

Agora, Aduato está no Acre atrás de diamantes e ouro. “Assim que a pedreira ‘esfriar’ eu volto”, comentou, por telefone. “O veio de cristal risca o penhasco de fora a fora, sinal de que pedrarias valiosas podem estar por perto”, observa Augustinho Coelho, 62, dono de lavras na região.

A Defesa Civil de Pancas interditou a área. Perto dali, na base da Pedra do Terreirão, túneis das fascinantes pedras azuis podem não ter gerado fortunas, mas tiraram muita gente do sufoco.

O lavrador Antônio Schumacher, 77, acredita que a “explosão da pedra” é um aviso de que a abundância de águas-marinhas estará de volta a Pancas. A filha dele, Maria Aparecida, e o genro, Gilmar Damasceno, são donos do terreno onde fica a pedreira.

Seu Antônio conta que garimpou por 20 anos nas imediações da montanha. Lá, achou uma valiosa água-marinha de 110 gramas, que ajudou na compra de móveis, de um terno e nos gastos de dois casamentos — dele e do irmão.

Geólogos afirmam que o deslizamento ocorreu por conta de processos naturais de desgaste da rocha devido a um fenômeno chamado intemperismo.

“O mistério está lá em cima. Há poços de água pura. Cascalhos e cristais brotam da rocha”

José Aduato Alecrim, garimpeiro



O LAVRADOR ANTÔNIO SCHUMACHER, 77, que garimpou durante 20 anos nas imediações da montanha, acredita que a “explosão da pedra” é um aviso de que a abundância de águas-marinhas pode estar de volta a Pancas

Grande jazida de águas-marinhas

Sucessor de uma tradicional família de extratores de pedras preciosas desde 1920, o especialista em gemas Augustinho Coelho vendeu pedras brutas durante oito anos aos joalheiros da internacional H. Stern.

“As maiores e mais puras águas-marinhas do mundo são de Pancas”, afirma, recorrendo ao achado das colossais pedras Martha Rocha, em 1950, de 25,5 quilos, em homenagem à Miss Brasil

de 1954, e outra em 1988, de 20 kg, batizada de Xuxa, em honra à Rainha dos Baixinhos.

Para Augustinho, a fartura de águas-marinhas está longe do fim nos Pontões Capixabas.

“Para se ter ideia, o centro da cidade de Pancas abriga uma imensa jazida de águas-marinhas. As pedras eram encontradas à

flor da terra durante a construção da cidade”, comentou Augustinho.

“Minhas lavras estão registradas desde 1951. Ao longo dos anos, milhares de águas-marinhas foram extraídas na região do Córrego São José, de Gambá, Lagoinha e Pedra da Agulha. A exploração pelo lado da Pedra do Terreirão pode avivar a garimpagem”, disse.

Mostrando entre os dedos uma pequena gema azul, avaliada em R\$ 14,5 mil, Augustinho afirmou que saíram de Pancas para a coroa inglesa as pedras verdes que adornam um colar presenteado à rainha Elizabeth II pelo governo do então presidente Juscelino Kubitschek.

AUGUSTINHO COELHO:
“As maiores e mais puras águas-marinhas do mundo são de Pancas”



Avisos sobre onde achar tesouros

A visão de bolas de fogo descendo nas escarpas da Pedra do Terreirão costuma ser narrada pelos sitiantes dos arredores do Córrego Bela Au-

rora, em Lajinha do Pancas.

Essas luzes, chamadas de “Mãe do Ouro”, segundo o mito popular, voam pelas escarpas das montanhas indicando o local exato de tesouros.

“Aparecem na boca da noite. Vi uma vez. Caiu perto da árvore no pé do rochedo. De dia, fomos conferir, sequer havia sinal de queimado. Não cavei. Achei que era lenda”, disse Gilmar Damasceno, 55, dono das terras na Pedra do Terreirão.

Mesmo garimpeiros experientes como Augustinho Coelho não ig-

noram os sinais sobrenaturais que costumam anteceder o encontro de pedras valiosas. “Tenho uma forte impressão de já ter presenciado a cena ou vivido situação semelhante sempre que uma boa pedra é escavada na lavra”, confidenciou.

Nos anos de 1960, dois mil garimpeiros invadiram o Córrego da Pratinha atrás de águas-marinhas. “Foram removidos pela polícia. Os homens se amontoavam em barracas e cavucavam tudo”, contou Pedro Borgo Cypriano, pesquisador do garimpo de Pancas.

Defesa Civil interdita “paredão” de rochas

O coordenador da Defesa Civil de Pancas, Leandro da Rocha Vitória, 27, confirma que Pedra do Terreirão está interditada devido a riscos de novos desabamentos.

“A pedra continua descascando. Um mapeamento de outras áreas de risco de deslizamento de rochas está sendo feito pela prefeitura”, disse. Por sorte, ninguém ficou ferido. Nenhuma casa foi atingida.

Técnicos da prefeitura estimam que mais de 300 caminhões de pedras caíram no desabamento da pedreira em Pancas, em abril.

O geólogo gaúcho Vanderlei Júnior Bica, 46, explica que a avalanche se deu por conta da infiltração da água na frestas da rocha e a posterior dilatação pelo calor. “É um conjunto de fenômenos físicos e químicos: o intemperismo. Um processo natural de erosão de esfoliação da rocha. A ação da água, de vento e sol provocam rachaduras e placas se soltam causando deslizamentos”, detalhou.



GILMAR diz que viu bolas de fogo



PLACA alerta para riscos na região